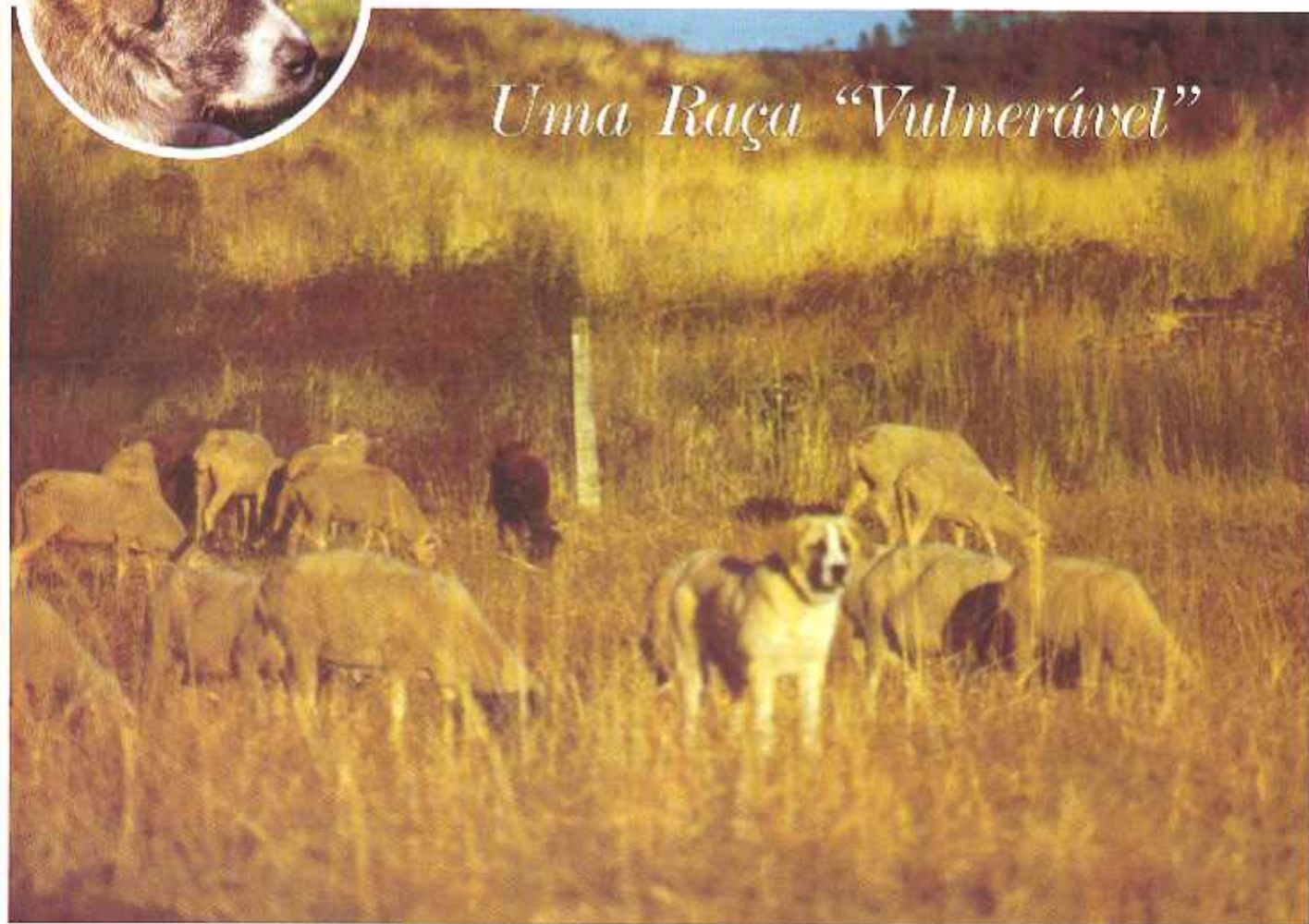


Aspectos Demográficos do Rafeiro do Alentejo



Uma Raça “Vulnerável”



O Rafeiro do Alentejo foi uma das últimas raças nacionais a ter o estalão redigido, o que ocorreu em 1953, pelos Dr.s António Cabral e Filipe Romeiras.

Embora seja essencialmente um cão de gado, na actualidade é principalmente utilizado na guarda de propriedades e tem sido frequentemente incluído em matilhas para caça grossa na sua região solar – o Alentejo – onde o lobo ibérico, um dos outrora principais predadores de rebanhos da região, se encontra extinto há algumas décadas.

No período decorrente entre 1932 e 2001 inclusive, foram inscritos 4.647 exemplares do Rafeiro do Alentejo nos Livros de Registo do Clube Português de Canicultura (C.P.C.). Destes 4.647 registos, 45% correspondem a inscrições no Registo Inicial (R.I.) e 2% a registos transferidos do R.I. para o Livro de Origens Portuguesas

(L.O.P.) por excelente classificação dos exemplares em exposições, sendo os restantes 53% referentes a animais inscritos directamente no L.O.P. (Figura 1).

Distribuição dos Registos por Classes n=4647

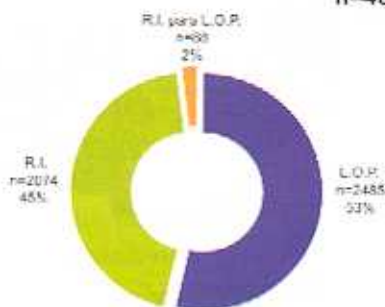


Figura 1: Distribuição do total de inscrições do Rafeiro do Alentejo nos Livros de Registo.

Os primeiros registos de exemplares desta raça no L.O.P. ocorreram em 1933, ou seja, 20 anos antes da redacção do seu estalão, e os primeiros registos no R.I. ocorreram no ano da constituição deste último Livro, ou seja, em 1937 (Figura 2). Estes factos levam a crer que os registos efectuados nos primeiros 20 anos não teriam obedecido a uma observação tão pormenorizada, sendo admitida uma superior variedade dos exemplares registados, já que não existia qualquer padronização que definisse com exactidão os exemplares representativos da raça, o que possivelmente permitiu que ainda na actualidade se verifique uma elevada variedade morfológica.

Outro facto que pode ter tido alguma influência para a elevada diversidade da aparência dos animais, foi a morosidade na tomada de uma decisão conclusiva relativamente à existência da raça Cão de Gado Transmontano,

recentemente reconhecida pelo C.P.C. (a 2 de Abril de 2004). Até há relativamente pouco tempo era considerada a possibilidade de esta última raça ser unicamente um ecótipo da raça Rafeiro do Alentejo, e é de considerar a possibilidade de que tenham ocorrido alguns cruzamentos recentes entre estas raças, possibilitados pela falta de reconhecimento de até então.

Uma análise temporal permite-nos verificar que o total de exemplares registados se manteve bastante reduzido até 1978, sendo que no decurso destes anos não excedeu os 38 registos anuais verificados em 1962. Sabe-se que na década de 70, com as alterações sociais ocorridas em Portugal, se verificou o abate indiscriminado de exemplares desta raça, constatando-se uma drástica redução no número de exemplares. Esta depressão não é explicitamente detectável nos Livros do C.P.C., facto que só poderá ser explicado pela deficiência do número de exemplares registados em relação à população existente na realidade e pela inscrição de animais até então desconhecidos.

O número de inscrições em ambos os Livros de Registo tem demonstrado uma tendência para aumentar, desde 1988. Em 2001 foi verificada a ocorrência do maior número de registos até então detectado em ambos os Livros ($n = 322$ no L.O.P. e $n = 245$ no R.I.), obtendo-se um total de 567 inscrições. É notoriamente evidente que, ainda na actualidade, o número de inscrições no R.I. representa uma grande fracção do total de registos comparativamente ao número de inscrições no L.O.P.



Número de Registos Anuais do Rafeiro do Alentejo

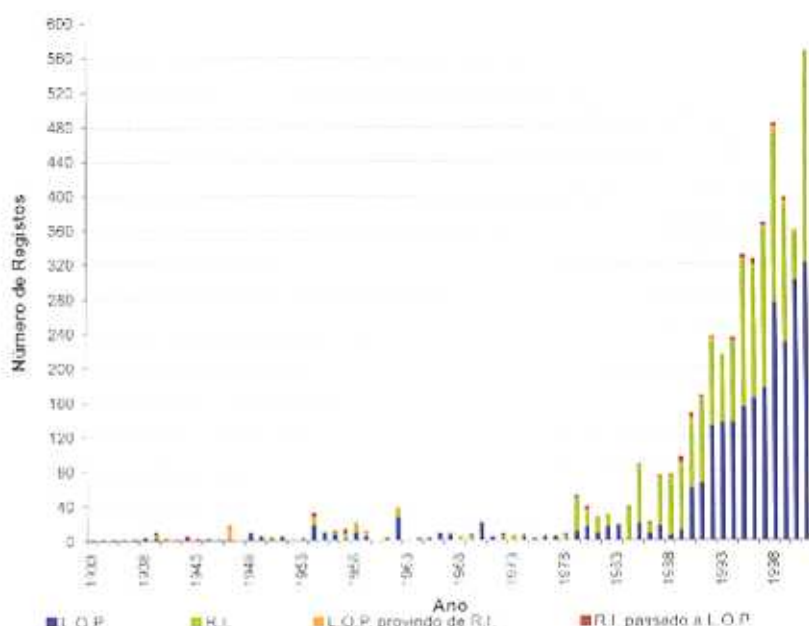


Figura 2: Histograma das inscrições anuais do Rafeiro do Alentejo nos Livros de Registo.

O desequilíbrio entre o número de machos e fêmeas inscritos foi manifestamente evidente até 1983, sendo geralmente notória a superioridade do número de registos de machos (Figura 3).

Desde então, a população inscrita parece tender para o equilíbrio da relação macho/fêmea, ou seja, aproximar-se de 1. A existência de um maior número de reprodutores

disponíveis e em número semelhante torna possível uma gestão mais adequada da raça, permitindo uma eficiente manutenção dos níveis de variabilidade genética e consequente diminuição dos níveis de consanguinidade, caso os acasalamentos envolvam o maior número possível de bons exemplares de diferentes linhagens.

Percentagem de Registos por Género

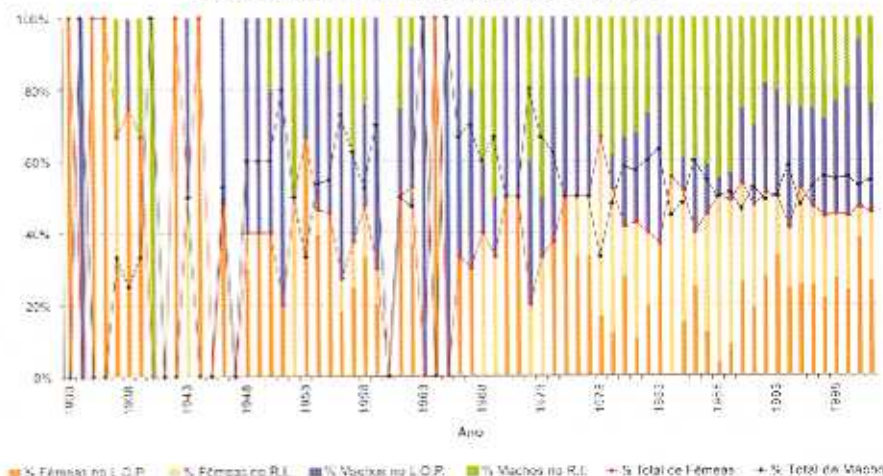


Figura 3: Percentagem de registos do Rafeiro do Alentejo por género.

AJUDE A DIVULGAR AS RAÇAS PORTUGUESAS
COLABORE CONNOSCO

ONE FRIEND EDITORA - Revista "Os nossos Cães"

Centro de Escritórios da Sobreda - Estrada Nacional 10/1 - n.º 203, Sala 4 • 2815-787 SOBREDÁ
 Tel: 21 294 75 93 / 94 • Fax: 21 294 80 60 • E-mail: osnossoscaes@clix.pt

Segundo a legislação em vigor, estabelecida pelo Clube Português de Canicultura, os exemplares da raça Rafeiro do Alentejo, tal como os restantes molossóides, só podem entrar a reprodução aos 18 meses de idade, e as fêmeas só podem ser utilizadas em cruzamentos até aos 8 anos. Assim, segundo a actual definição de estatuto de risco de uma população, elaborada pela Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO) em 1992, que se baseia no número de fêmeas em idade reprodutiva, o Rafeiro do Alentejo esteve em estado "Crítico" de conservação até 1986 e "Em Perigo" entre 1987 e 2001. Desde 2002 que esta raça se encontra em estado "Vulnerável". É claramente evidente uma tendência para o aumento do número de fêmeas em idade reprodutiva desde 1979 e o ano 2003 correspondeu à expressão mais elevada deste valor (N= 1.128)

É sempre importante salientar que os dados demográficos aqui apresentados se baseiam exclusivamente nos Livros de Registo de Clube Português de Canicultura, correspondendo estes apenas a uma fracção do efectivo populacional. Existe ainda um número indeterminado de animais que não se encontram registados, desconhecendo-se as suas características morfológicas e comportamentais, tal como a sua existência.

Para que possa ser efectuada uma correcta avaliação dos aspectos demográficos e eficiente gestão dos recursos da raça com base nesta avaliação é ainda urgente um tratamento de todos os dados genealógicos e

morfológicos existentes e que a morte dos animais bem como a sua causa seja comunicada aos detentores dos Livros de Registo da raça.

Assim, é indispensável uma maior sensibilização dos seus proprietários, por parte dos canicultores, dos Clubes da Raça e de outras Associações Cinófilas, no sentido de participarem com os seus cães em concursos e assim se proceder ao reconhecimento dos exemplares e das suas características, e para comunicarem C.P.C. a morte dos animais registados.

Os aspectos demográficos do Rafeiro do Alentejo estão de acordo com os resultados obtidos a nível genético com marcadores moleculares, que evidenciaram a ocorrência de uma variabilidade genética intermédia nesta raça quando comparada com as restantes raças caninas autóctones portuguesas. Embora o número de inscrições seja relativamente reduzido, há a salientar a elevada diversidade morfológica e todos os outros aspectos já anteriormente referidos que, sem qualquer dúvida, têm contribuído para a manutenção de um elevado índice de variabilidade.

Há ainda a referir que, de entre todas as raças autóctones analisadas geneticamente, o Rafeiro do Alentejo foi o único a não apresentar qualquer índice significativo de consanguinidade. Este facto leva a considerar a possibilidade de estar a ser efectuada uma eficiente gestão dos cruzamentos a realizar, permitindo uma eficaz manutenção dos níveis de

variabilidade genética.

Foi detectada a ocorrência de uma menor distância genética entre o Rafeiro do Alentejo e o Cão da Serra da Estrela, do que entre qualquer uma das outras raças caninas portuguesas. Este resultado está em concordância com a teoria explicativa para o aparecimento do Rafeiro do Alentejo, que considera que esta raça teve origem na época em que era efectuada a transumância. Os Cães da Serra da Estrela que acompanhavam os rebanhos nas deslocações de Inverno para o Alentejo, por cruzamentos com cães da região e até mesmo com o próprio Mastim Espanhol, terão dado origem a este tipo de cães, que por consecutivos cruzamentos entre si, vieram a estabelecer esta bela raça Alentejana.

Os nossos agradecimentos muito especiais para todos os membros: do Clube Português de Canicultura, que nos facultaram o livre acesso a todos os registos individuais caninos; do Grupo Lobo, que é a entidade responsável pelo projecto "Novas Soluções para o Controlo da Predação nos Animais Domésticos" (AGRO/311) no âmbito do qual este estudo foi desenvolvido; do Departamento de Biotecnologia do Instituto Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial, onde foi desenvolvida a componente genética deste estudo. ■

Texto: MARGARIDA LÁ SALETE C. GOMES
& ANA ELISABETE G. PIRES

Fotos: CARLA CRUZ

